

*Ecopolítica. Governamentalidade planetária, novas institucionalizações e resistências na sociedade de controle.*

**Manifestações 2013 – 2014 e seus desdobramentos<sup>1</sup>**

**A continuidade do repertório do melodrama: a produção de notícias em torno dos protestos de 2013 e 2014**

Na primeira metade do século XIX, frente a produção da delinquência e o investimento pelo aparelho penal sobre certos operários irrompeu, segundo Michel Foucault, um “contranoticiário policial”. Como mostrou Foucault, tais publicações formaram uma tática que visou “transformar o uso que se dava aos crimes ou aos processos nos jornais que, a maneira da *Gazette des tribunaux*, se ‘alimentam de sangue’, se ‘alimentam de prisão’ e fazem representar todo dia um ‘repertório de melodrama’ (Foucault, 2006: 39). O objetivo do “contranoticiário” não era simplesmente voltar contra o Estado a acusação de imoralidade, mas, sobretudo, “fazer aparecer o jogo das forças que se opõem reciprocamente” (Idem), concluiu.

Entre os periódicos que formaram o “contranoticiário policial, Foucault destacou as criações Fourieristas como o jornal *La Phalange* e na segunda metade do século as publicações anarquistas que “tomando como ponto de ataque o aparelho penal colocaram o problema político da delinquência; quando pensaram reconhecer nela a forma mais combativa de recusa da lei; quando tentaram, não tanto heroicizar a revolta dos delinquentes quanto desligar a delinquência em relação à legalidade e à ilegalidade burguesa que a haviam colonizado; quando quiseram restabelecer ou constituir a unidade política das ilegalidades populares” (Idem: 242).<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Relatório produzido a partir dos *Mapeamentos* realizados por pesquisadores do Projeto Temático disponível em área restrita deste mesmo fluxo.

<sup>2</sup> Para além dos embates ocorridos na França, durante a segunda metade do século XIX e início do XX, os anarquistas seguiram por meio de jornais espalhados por vários cantos do mundo combatendo diretamente as violências do Estado, a produção da delinquência, com o amplo apoio da mídia. Em São Paulo, 1919, dois anos depois da Greve Geral de 1917, o jornal *A Plebe* publicou: “a sociedade de hoje, para corrigir e regenerar os criminosos, atira-os para o meio de quatro paredes estreitas e úmidas, em deletéria promiscuidade e inação horripilante. E o crime, em vez de desaparecer, aumenta, desenvolve-se e generaliza-se de tal maneira que causa pavor e assombro a grande porcentagem dos infelizes que são seqüestrados do convívio de seus semelhantes. Na Cadeia Pública desta capital existem inúmeros indivíduos, purgando culpas variadíssimas, que se estiolam numa improdutividade que é a melhor

Ao analisarmos o acompanhamento do Nu-Sol da cobertura dos recentes protestos que irromperam em 2014, nota-se que grande parte da chamada grande mídia (Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo, O Globo), mais de um século e meio depois do *Gazette des tribunaux*, segue se alimentando de sangue e de prisão. Diante das manifestações, a maior parte das reportagens dos jornais apoiou e sustentou a criminalização da tática *black bloc*, concedendo espaço quase que exclusivo para declarações de autoridades ligadas a segurança pública ou criando notícias como a suposta articulação entre os jovens mascarados e o PCC. Somado a criminalização da tática, após a morte do cinegrafista Santiago Andrade, ao contrário de alguns questionamentos que irromperam nas jornadas de junho de 2013, as estratégias da polícia militar como a chamada “tropa do braço” foram defendidas e louvadas em reportagens e editoriais.

Se por um lado a chamada grande mídia foi fundamental para a criminalização dos *black bloc*, expondo o quão articulado estão os jornais com a defesa da propriedade e do Estado, o *Centro de Mídia Independente*, enredado em determinado pluralismo produziu pouco combate a tal criminalização. Os fóruns e discussões presentes no site do CMI abrigaram desde comentários que responsabilizavam os *black-bloc* pela violência dos protestos até a defesa da tática e críticas a cobertura dos eventos realizada pelos outros jornais e emissoras de televisão como a Rede Globo. Menos eficaz na cobertura dos protestos como há alguns anos, visto que, algumas páginas do *Facebook* associadas a tática *black bloc* produziram seu próprio material, a independência do CMI mostrou-se crítica mas ainda complementar a produção dos grandes jornais.

Por fim, o acompanhamento de páginas do *Facebook*, expôs como a tática *black bloc* disseminou-se rapidamente via internet por todo o Brasil após as jornadas de junho. Neste mês de 2013, surgiram as páginas “Black Bloc RJ” e “Black Bloc SP”, duas das mais visitadas nas redes sociais. Contudo, em 2014, os embates cederam as movimentações “não vai ter copa”. Nas páginas, há desde fotos dos protestos até convocações para eventos e divulgação de ações da polícia, boa parte replicada da página “ContraCopa 2014”. Contudo, há pouco material sobre a tática *black bloc* e os anarquismos quando irrompem estão mais ligados a citação de autores como Mikhail Bakunin e Errico Malatesta, acontecimentos na Grécia, do que a

práticas de liberdade ligadas aos próprios combates desvelados pelas ruas as vésperas da Copa. Algumas páginas como a “Black Bloc Brasil”, uma das primeiras a serem criadas na rede, apresentam ainda conexões confusas entre o *black bloc* e o *Anonymous*.

Em 2014, os jornais foram decisivos para a identificação e criminalização dos *black bloc*. Apesar de críticos e informativos e de estarem conectados em fluxos por meio da internet, tanto o CMI como as páginas dos *black bloc* não produziram o combate direto a criminalização. Diante do noticiário policial do século XXI, não deram forma a algo distinto. As questões colocadas pelo *La Phalange* e pelos anarquistas desde o século XIX até hoje, ainda se mostram vitais, sobretudo, pelo ataque direto a articulação entre a imprensa e a defesa da propriedade e do Estado. Frente a continuidade do repertório deste melodrama, como apresentou Foucault, são precisas outras palavras.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Em 11 de fevereiro de 2014, um dia após a morte de Santiago Andrade, a *flecheira libertária* do Nu-Sol, soltou no ar: “o esforço midiático para disciplinar a massa nos protestos faz coro com a polícia e os governantes, que consideram a *punição exemplar* aos manifestantes *black bloc* um reforço à democracia e o meio para a *pacificação*. Se à imprensa livre cabe informar, que ela o faça amplamente. Porém, a chamada imprensa livre, antes de informar, precisa comunicar seu discurso ideológico”.